

do sempre como base que 'a educação para a paz não pode ficar confinada a uma disciplina ou área específica do currículo, mas sim ser disseminada por todo ele' (p.81).

Esta ênfase colocada na educação como o principal motor de transformação do mundo manifesta, em particular, na minha leitura, a realidade de um poder social e político que os educadores/as efectivamente possuem, mas que, por diversos motivos, não têm sido capazes de utilizar. É hoje cada vez mais consensual que uma educação verdadeiramente emancipatória deve partir do duplo pressuposto de base, segundo o qual, da mesma maneira que a biodiversidade se constitui indiscutivelmente enquanto fonte de desenvolvimento responsável a partir dos recursos da natureza, também a diversidade sócio-cultural representa a maior riqueza da humanidade. É a esta problemática complexa que os autores dedicam o quinto capítulo do livro, com o intuito de promover uma literacia cultural, entendida como 'o conjunto de competências, capacidades, atitudes e comportamentos que possibilitem uma interacção adequada em contextos multi-inter-culturais e multilingues' (p.95). Os autores defendem o investimento na prática de uma educação intercultural que potencia nos próprios educadores/as a capacidade de desconstruir os estereótipos culturais, os estigmas e a própria linguagem androcêntrica que são ainda dominantes no universo da sociedade em geral e da escola em particular. Esta visão interculturalista é essencial para as ambições actuais de alterar a organização monocultural dos currículos escolares e a construção social de espaços de 'mestiçagem cultural' (p.95), inter-comunicação, inter-conhecimento e respeito mútuo.

No sexto e último capítulo, são revisitados os princípios fundadores e os pressupostos metodológicos do novo paradigma da educação da globalidade e da complexidade que constitui, para os autores, a alternativa de fundo ao paradigma educacional dominante. Da leitura instrutiva e instigante deste livro ressaltam, desde logo, três aspectos que me parecem evidenciar o próprio comprometimento dos seus autores com medidas e soluções que contribuem para uma práxis cidadã efectiva e a superação progressiva e progressista dos problemas emblemáticos da sociedade contemporânea. Refiro-me (i) ao extremo cuidado investido na utilização empenhada de uma linguagem de equidade entre gé-

neros, comprometidamente contra-hegemónica, com particular ênfase na compreensão do modelo de organização e apresentação dos círculos académicos; (ii) ao próprio livro dado ao prelo para ser amigo do ambiente: 'impresso em papel isento de cloro (tcf), 100% reciclável e com tintas isentas de elementos pesados solúveis contaminantes'; (iii) e ao carácter acessível do próprio livro, quer em termos financeiros, quer no uso de uma linguagem clara e de fácil entendimento, mas, ao mesmo tempo, analítica e com embasamento no idioma crítico contemporâneo. Na sua postura de cientistas sociais comprometidos, os autores conseguem atingir, no meu entender, um equilíbrio eficaz entre aquilo que poderia ser o erro de cair, por um lado numa certa concepção voluntarista do processo educativo sobre o qual reflectem ou por outro lado num certo fatalismo de carácter determinista. Com este livro, os autores dão-nos um contributo específico no sentido do nosso próprio crescimento como educadores em primeira instância, mas também como cidadãos/ãs.

Rosanna Barros

*Escola Superior de Educação da
Universidade do Algarve*

Kaës, René. 2002. *La Polyphonie du Rêve*. Paris: Dunod. 262 pp. ISBN: 2 10 006739 7.

Quem se sente fascinado pelos meandros do inconsciente e do grande gerador de metáforas que é o sonho, encontrará neste livro de René Kaës motivos de sobra para se deleitar. Kaës, membro emérito da conceituada escola psicanalítica de Lyon, vai aqui multiplicando os espaços, os tempos, os sentidos e as vozes dos sonhos. Desde *A Interpretação dos Sonhos* de Freud que muita tinta correu em torno da teoria dos sonhos. Por exemplo, a partir da dimensão tópica da metapsicologia, muitos estudos se geraram em torno dos conceitos de espaço intrapsíquico do sonho e espaço onírico intersíquico. Como o autor nos explica, M. Klein explorou a ideia do espaço psíquico como um palco onde interagem fantasmas inconscientes. E o sonho constrói os cenários desses fantasmas. Aqui se jogam inúmeros jogos e as regras são, entre outras, a identificação projectiva e a introjecção.

O nosso espaço interno está em estreita relação com o outro. Aliás, nós só muito lentamente nos diferenciámos deste outro e de uma forma sempre precária. Existe entre os inúmeros espaços psíquicos uma enorme permeabilidade e podemos flutuar entre eles. W.R.Bion (1963) operacionalizou muito bem esta possibilidade de flutuar entre os espaços internos e os espaços dos outros na relação continente-conteúdo. O mesmo fizeram Sami-Ali (1970-74) nos estudos sobre a inclusão mútua; A.Green sobre o duplo limite do espaço psíquico; e D.Anzieu sobre a pele e os invólucros psíquicos individuais (1985) e grupais (1999).

O grande salto que Bion representa em relação a Klein é que enquanto o sonho é nela concebido como uma produção intrapsíquica, nele é concebido como uma produção interpsíquica que tece as relações entre a vida fantasmática e a realidade externa. A função (é uma função primordial que a mãe cumpre quando elabora o material produzido no espaço psíquico da criança, mas que esta não pode conter nem elaborar. Esta função faz com que o bebé possa formar a percepção da sua experiência emocional e formar, por seu lado um aparelho para produzir a função. Ela partilha com o sonho os mesmos elementos e materiais. O devaneio (rêverie) é aqui assumido como um estado de acolhimento das identificações projectivas. É uma actividade que se exerce em relação a alguém ou a algo que ainda não adquiriu a capacidade de sonhar ou de pensar. Tal como Bion, D.Meltzer (1993) atribui à vida onírica um valor que vai muito para além de uma caixa de ressonância dos acontecimentos da vigília. Esse valor é um modo existência de pleno direito. Como lembra Kaës, é no interior deste modo de existência que se afirma o conteúdo afectivo que dá ao sonho a forma viva de uma experiência psíquica específica. O sonho e todo o processo onírico é uma experiência viva e produtora de sentido. É neste contexto teórico e interessado nos fenómenos psíquicos grupais – sobretudo os que emergem em grupos terapêuticos – que o autor em análise desenvolve o seu discurso. Este circula em torno de três hipóteses fundamentais.

A primeira hipótese é a da existência de um Espaço Onírico Comum e Partilhado. Esta hipótese obriga-nos a questionar a 'textura' e a 'consistência' dos espaços intrapsíquicos, interpsíquicos e transpsíquicos, assim como

tentar compreender a sua articulação. Entrar dentro dum espaço comum é entrar dentro de um espaço que já partilhámos e que já foi o nosso em tempos. Ou seja, um espaço que é partilhado por vários indivíduos: 'Este espaço é a matriz comum da vida psíquica: o espaço da vida embrionária e dos primeiros meses de vida representa o protótipo da experiência que especifica esta comunidade psíquica. Desde as primeiras trocas entre a mãe e o bebé, desde o projecto de maternidade, que a mãe inscreve a criança no seu próprio narcisismo. Ela funda-o na sua própria psyche e no espaço psíquico da família. As pesquisas sobre a intergeracionalidade mostram que uma produção mútua de narcisismos, na relação entre pais e filhos, sustenta a formação de um espaço psíquico comum e partilhado, que se estrutura naquilo que P. Castoriadis-Aulagnier (1975) descreveu como um contrato narcísico' (p.31).

Fico com a impressão, com os argumentos do autor, de uma estrutura espacial do sonho que permanece, em despeito da contínua mudança de sonhadores e que se vai activando e diferenciando à medida que vai sendo sonhada. Também me parece que esta 'estrutura' tinha algumas das características do inconsciente colectivo de Jung, pois é uma estrutura antropológica comum a todos os seres humanos que se vai diferenciando e modulando em formas psíquicas diversas e que vai desde os romances individuais e familiares até às mitologias próprias de grandes áreas culturais.

A segunda hipótese é a da existência de dois umbigos distintos do sonho. A ideia da existência de um umbigo do sonho foi lançada por Freud para definir 'o lugar onde o sonho repousa sobre o desconhecido'. Quer dizer, é aquele umbigo do sonho que, na análise, permanece sempre interpretável, porque se embrulha de todos os lados na rede dos nossos pensamentos. É do lugar mais denso desta rede que surge o desejo do sonho como 'um cogumelo do seu pé'. Este umbigo do sonho é o recalçado originário. Uma espécie de organização fantasmática arcaica que nunca encontrou um modo de expressão na linguagem e que nunca pôde ser pensada. Existem, então, dois umbigos, segundo Kaës: o umbigo psicossomático que repousa no espaço interno do sonhador e o umbigo interpsíquico que repousa no espaço onírico partilhado por vários sonhadores. É este segundo umbigo que, interferindo com

o primeiro, repousa no desconhecido: 'Cada sonhador sonha assim no encontro de várias fábricas de sonho, num espaço que liga uma pluralidade de sonhadores, cujos sonhos atravessam os sonhos de cada um' (p.191).

Enfim, a terceira hipótese em torno da qual gira a obra é a organização polifónica do sonho. O autor foi buscar esta designação à noção de polifonia do discurso de Bakhtine que sugere uma concepção de sujeito produzido pela interdiscursividade. A partir daqui, ele supõe o sujeito do inconsciente como sendo, simultaneamente, sujeito do grupo, constituindo-se nos pontos de ligação entre as vozes e as palavras dos outros e dividindo-se entre a realização dos seus próprios fins e a sua inscrição na rede das suas ligações intersubjectivas: 'o sonho, a mais íntima e mais egoísta das nossas produções nocturnas, o mais banal dos nossos sintomas, tece-se no trama polifónico da intersubjectividade' (p.211). Claro que podemos imaginar os sonhos de uns a chocarem – ressoando - no sonho dos outros. Esta articulação constitui-se, no meio da amálgama, como uma verdadeira linguagem a ser enunciada pelas regras da criatividade.

No fim da leitura da obra de René Kaës, fiquei a compreender melhor a possibilidade, de que já tinha ouvido falar, de partilharmos um sonho com outra(s) pessoa(s). Fiquei também a saber que, num grupo, os intervenientes podem sonhar todos partes de um mesmo sonho global que é o sonho do grupo. E que esse sonho de grupo pode ser sintetizado, por inteiro, no sonho de apenas um indivíduo. Em toda a leitura, fiquei com a impressão, porventura falsa, de que o autor utiliza transformando – e muito bem – algumas aquisições da teoria do caos e da astronomia contemporânea. Não pude deixar de imaginar o sonhador no seu espaço psíquico como um buraco negro, absorvendo e gerando energia e sentido, ligado a outros buracos negros sonhadores, ligados por 'túneis de minhoca' que deixam fluir entre si toda a diversidade do universo. Cada um de nós gera partes de sonhos dos outros e é gerado por partes de sonhos dos outros. Um pouco como se passa na realidade?

Jorge Caiado Gomes

Instituto Superior Miguel Torga